



Temas como as guerras na Ucrânia e no Oriente Médio e os relacionados ao meio ambiente ameaçam o fechamento de um documento que represente a coesão entre algumas das maiores economias do planeta

## Falta de consenso sobe as tensões na cúpula do Rio

» MAYARA SOUTO  
Enviada especial

**Rio de Janeiro** — A Cúpula do G20 começa hoje na capital fluminense sob a tensão de que os países participantes falhem na tarefa de fechar um documento que represente a posição de todos. A preocupação ficou clara com a declaração do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, de que se não houver um texto de consenso, o grupo das 20 maiores economias do planeta perde relevância.

“Apelo a todos os países para que tenham um espírito de consenso, para que tenham bom-senso e encontrem as possibilidades de transformar esta reunião do G20 em êxito, com decisões que sejam relevantes para a ordem internacional. Se o G20 se dividir, ele perde a relevância em nível global”, exortou.

As preocupações sobre a falta de consenso para o documento final da cúpula esbarram em dois temas: as guerras na Ucrânia e no Oriente Médio e as questões ambientais. Os ataques russo à Ucrânia, ontem, e de Israel a Damasco (no sábado) e a Beirute (também ontem) obrigaram a uma rediscussão do trecho da declaração que trata de questões geopolíticas.

Na parte relacionada aos assuntos climáticos, a barreira tem sido a posição de Argentina, que se contrapõe à brasileira. Desde que o presidente Javier Milei determinou o retorno da comitiva que tinha ido à COP29 — a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, que ocorre em Baku, no Azerbaijão —, os representantes do país vizinho têm indicado que não pretendem facilitar as coisas para o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

### Falhar não é opção

As negociações sobre o documento final do G20 têm sido intensas e a rodada que começou no sábado terminou às 5h de ontem. Guterres cobrou que os líderes mundiais se comprometessem com medidas ambiciosas e eficazes contra a crise climática global, além de ajudar os países emergentes nos esforços de

Alexandre Brum/G20



Jorge William /G20



Milei é visto como empecilho ao consenso para o documento da cúpula

mitigar e enfrentar seus efeitos. “Um acordo é essencial. Se não houver acordo, se falharmos na COP29, isso deixará inevitavelmente consequências negativas na proteção das populações, e terá também um impacto muito negativo na COP30, no Brasil. O fracasso não é uma opção. O G20 deve liderar com planos nacionais

alinhados ao objetivo de limitar o aquecimento global a 1,5°C. Brasil e Reino Unido já mostraram o caminho, mas todos os países do G20 precisam fazer um esforço adicional”, advertiu. Segundo Guterres, os Estados Unidos têm papel importante na questão climática. “Todos os sinais do mercado atualmente mostram que a energia renovável

não é apenas a mais verde, mas, também, a mais barata forma de produzir energia. Então, estamos confiantes de que o dinamismo da economia americana e da sociedade americana vai se mover em direção da ação climática. Reconheço que a influência do governo é muito mais limitada do que já foi no passado”, frisou.

Indagado sobre como líderes mundiais podem impedir que o futuro governo do presidente eleito Donald Trump possa atrapalhar acordos de cooperação internacional, Guterres defendeu que o fortalecimento do multilateralismo é a melhor resposta a qualquer eventual recuo dos EUA. “O mais importante é reconhecer a importância do multilateralismo e sustentar instituições multilaterais. Se você faz isso no nível da Organização das Nações Unidas, se você faz isso no nível da arquitetura financeira internacional. Se você adota um diálogo significativo no nível da governança da inteligência artificial (IA), se você está apto a fazer uma aposta firme no multilateralismo, essa é a melhor resposta possível”, observou. (Com Agência Estado)

### » Ataque de Janja causa mal-estar

O ataque da primeira-dama Janja Lula da Silva ao bilionário Elon Musk, em um evento do G20 Social, no sábado, teve reflexos indesejados para a delegação brasileira. Representantes do governo tiveram de dar explicações a interlocutores e nem mesmo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva conseguiu amenizar a situação — “Quereria dizer pra vocês que essa é uma campanha (contra a fome e a pobreza) em que a gente não tem que ofender ninguém. Nós não temos que xingar ninguém”, disse, sábado, no encerramento da Aliança contra a Fome e a Pobreza. Ministros viram com maus olhos a crítica de Janja, mas outros a apoiaram. “Janja falou o que estava preso nas nossas gargantas”, publicou o ministro do Desenvolvimento Agrário, Paulo Teixeira, na rede social X — que pertence a Musk.



**Apelo a todos os países para que tenham um espírito de consenso, para que consigam bom-senso e encontrem as possibilidades de transformar esta reunião do G20 em êxito, com decisões que sejam relevantes para a ordem internacional. Se o G20 se dividir, ele perde a relevância em nível global”**

**António Guterres,**  
secretário-geral  
das Nações Unidas

## Membro do Brics apoia taxar ricos

A proposta brasileira de taxar os super-ricos tem pelo menos um apoio de peso: o do presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa — cujo país é um dos membros fundadores do Brics, ao lado do Brasil, da Rússia, da Índia e da China. A proposta de tributar 2% dos 3 mil indivíduos mais endinheirados do planeta, que detêm um patrimônio de US\$ 15 trilhões, chegou a ser consenso nos debates sobre finanças que precederam o G20, mas enfrenta resistências. Ramaphosa defende que o valor arrecadado pode financiar um fundo de preservação ambiental.

Em julho passado, os ministros da Fazenda do G20 e representantes de bancos centrais chegaram a dois consensos: o da tributação de super-ricos e a reforma de bancos de desenvolvimento. No entanto, há um clima de apreensão sobre o tema devido à resistência do presidente da Argentina, Javier Milei. Esse, inclusive, é um dos pontos que pode emperrar a declaração conjunta dos países.

O momento mais aguardado pela presidência brasileira do G20 é o lançamento da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, primeiro evento da cúpula. Não se sabe ao certo quantos países já aderiram ao compromisso internacional — o governo brasileiro garante que são mais de 40.

No lançamento, representantes de Estados Unidos, Alemanha, Bangladesh, Serra Leoa, França e Finlândia confirmaram participação. Organizações internacionais também afirmaram que participarão, caso do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que anunciou R\$ 140 bilhões à iniciativa. (MS)

## Lula fará discurso repleto de cobranças

O primeiro dia de debates do G20 terá como foco o lançamento da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza e a reforma das instituições de governança global. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva discursará na abertura de cada sessão da cúpula, quando deve reforçar a importância de diminuir as desigualdades entre os países e aumentar o financiamento das nações menos desenvolvidas — como fez nas agendas do G20 Social, que antecedeu a reunião de líderes.

“Infelizmente, os governos esbarram em uma enorme lacuna de financiamento no Sul Global. Apenas uma parcela dos recursos necessários chega aos países em desenvolvimento e uma parte ainda menor alcança nossas metrópoles. Existe um déficit no financiamento urbano, que não consegue

acompanhar o ritmo da urbanização desordenada em muitas partes do mundo, como a África, a Ásia e a América Latina. Por isso, a terceira prioridade da presidência brasileira do G20 é a reforma da governança global, inclusive de sua arquitetura financeira e dos bancos multilaterais de Desenvolvimento”, disse Lula, ontem, no Urban 20, encontro de prefeitos que ocorreu simultaneamente ao G20 Social.

### Reestruturação

Tema da reunião que ocorre à tarde, Lula questionará a estrutura do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O colegiado tem 15 membros (China, França, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos são os permanentes). As nações do chamado Sul Global participam apenas como integrantes

rotativos e alterar essa composição é uma das principais agendas internacionais de Lula.

Em reuniões bilaterais, o presidente recebeu o apoio para a proposta de países convidados, como a Malásia e o Vietnã. O primeiro-ministro malaio, Dato Seri Anwar Ibrahim, defendeu uma governança global “mais representativa, democrática, eficaz, transparente e responsável”, que leve em conta “as aspirações dos países emergentes”. Ele também defendeu o cessar-fogo imediato no Oriente Médio, algo cobrado por Lula.

“Falar em reforma da governança também implica em repudiar a destruição das guerras. A Faixa de Gaza, um dos mais antigos assentamentos urbanos da humanidade, teve dois terços de seu território destruídos por bombardeios indiscriminados. Sob

seus escombros, jazem mais de 40 mil vidas ceifadas”, lamentou Lula.

O primeiro-ministro vietnamita, Pham Minh Chinh, apoia a pretensão brasileira de que o Conselho da ONU aumente os assentos permanentes e não-permanentes para ter mais representatividade. Para ele, o Brasil deveria ocupar uma das cadeiras permanentes.

Embora Lula tenha recebido alguns membros de organizações que estão no G20 — como a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e a primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni —, somente o presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, e o da França, Emmanuel Macron, apoiaram a pretensão brasileira. (MS)

» Leia mais sobre o G20 na página 7



**Falar em reforma da governança também implica em repudiar a destruição das guerras. A Faixa de Gaza teve dois terços de seu território destruídos por bombardeios indiscriminados. Sob seus escombros, jazem mais de 40 mil vidas ceifadas”**

**Presidente Luiz Inácio Lula da Silva,**  
que cobrará a  
ampliação do Conselho da ONU